



# “Se o perigo do mundo está no mundo, é porque está nas pessoas”

**Abel Ferrara** Hoje cineasta de Roma como ontem de Nova Iorque; hoje sóbrio, como ontem toxicodependente: o cinema e a angústia continuam

## Entrevista Vasco Câmara

Abel Ferrara, de 68 anos, agarrado à Água das Pedras – não quer copos, prefere beber da garrafa – é coisa bonita de se ver. Isto sem ironia. *Tommaso*, que o cineasta vem apresentar em Lisboa, hoje e amanhã no Lisbon & Sintra Film Festival, no Centro Cultural Olga Cadaval e no Espaço Nimas, respectivamente, é coisa muito bonita de se ver. Uma espécie de *home movie* fantasiado a meias com o actor Willem Dafoe, que interpreta um realizador a braços com a angústia conjugal e partilha o ecrã com Cristina Chiriac e Anna Ferrari, que na vida real são a companheira e a filha de Abel. Tudo se passa na casa de Ferrara em Roma, perto da Piazza Vittorio... Num filme invadido pelas interferências das projecções mentais, em que Dafoe se crucifica na Stazione Termini como um excerto de *A Última Tentação de Cristo*, de Scorsese, podemos também ser assaltados pelas imagens paranóicas de Ferrara em *The Driller Killer* (1979), quando se começou a fazer notado como cineasta *junkie*: é bonito de se ver que a sobriedade, que constrói há seis anos e que o faz não gostar de pôr os pés em Nova Iorque e Nápoles, não diminuiu a sua capacidade de captar nos planos uma “presença”, aquilo que dizemos ser “o mal”. *Tommaso* é uma espécie de regresso em Roma a uma Nova Iorque que morreu: onde ele descobriu o cinema italiano, onde o porno e a cinefilia podiam partilhar a mesma sala e os mesmos espectadores.

**No documentário que Rafi Pitts fez sobre si, *Not Guilty* [2003]...**  
Detesto esse filme, desprezo-o mesmo...

**Ele adora-o...**  
Ele gosta de mim, sim, mas não sabe como fazer documentários.

**Interessa-me, aqui, aquela parte**

**em que está dentro de um carro em Nova Iorque – isto passa-se depois de *R-Xmas* [2001] –, diz que o seu trabalho é andar pelas ruas à procura de experiências. Muita coisa mudou na sua vida. Vive agora em Roma. Ainda encontra as suas histórias da mesma maneira?**  
Cada momento da minha vida é uma experiência. Estou feliz por estar vivo, percebe? Lido com cada momento à medida que acontece. Uma experiência é sempre uma experiência.

**O que diria a alguém que considera que o Ferrara cineasta de hoje, sóbrio, não está à altura do Ferrara de ontem, um toxicodependente?**  
Viu *Tommaso*?

**Vi, gosto muito e tenho algo a acrescentar à pergunta que lhe fiz: vi *Tommaso* e fui invadido por imagens de *The Driller Killer* [1979]...**

... [risos]

**... é a mesma sensação de ameaça: um casal – um “casal normal” –, nada a ver com o *underground* nova-iorquino de *The Driller Killer*, mas...**

... e afinal é a mesma coisa, a coisa familiar, a preocupação com as contas da casa e do telefone, preocupações de gente normal, preocupações com o emprego. É a mesma vida. Vivemos a mesma vida. Temos que proteger a família, dar de comer aos filhos, sermos responsáveis.

**De onde vem a sensação de ameaça? É daqueles cineastas que filmam cada plano como se, para além das personagens e da acção, filmasse também uma “presença”. Aquilo que resumimos como “o mal”...**  
*Right...*

**Não são só as personagens que metem medo, as personagens têm medo...**  
Não sei de onde isso vem. De viver a vida, de experimentar o quotidiano. O mundo pode explodir a qualquer



momento. É belo e ao mesmo tempo perigoso. Não é algo que está no ar? É simultaneamente algo de interior, de pessoal, mas também está no exterior. Se o perigo do mundo está no mundo, é porque vem dos indivíduos, porque está nas pessoas. Tenho mais hipóteses de ser morto por outro ser humano do que de morrer numa inundação ou fulminado por um raio. Qual é a coisa mais perigosa para uma mulher, em termos estatísticos? É a fome, é a doença? Não, é um homem.

**Eis então a resposta à questão, que alguns têm posto, de saber se o realizador Ferrara sóbrio é de facto o mesmo do realizador Ferrara sob influência do álcool e das drogas. Eu diria que há uma clareza em *Tommaso* que faz dele um filme tão atormentado como os do**

**passado. Sempre houve casais nos seus filmes, mas o casal agora emerge...**

As pessoas querem saber se a sobriedade afectou a forma como realizo. A minha habilidade de realizador é a mesma de quando estava menos sóbrio, mais alcoolizado ou com mais cocaína. Não foram as drogas e o álcool que fizeram de mim um realizador. Isso era o meu delírio: de que precisava de drogas e de álcool, como os meus heróis, Edgar Allen Poe, Billie Holiday, Ernest Hemingway, William Burroughs. Mas o que Billie Holliday tem não vem num saquinho de dez dólares, não se compra na rua. O talento de Hemingway não vinha em garrafas. Quando ultrapassei esse delírio, a vida abriu-se-me, de várias maneiras. Agora, sou melhor realizador? Não sei.

**É como aquela parte de *4:44 Último Dia na Terra* [2011] em que uma personagem diz à personagem de Willem Dafoe que quer estar sóbrio para enfrentar e ver o fim do mundo...**

Sim. Completamente. A personagem de Dafoe estava ainda mergulhado na sua adicção. Ele queria mais a droga do que estar com a mulher. Não é por acaso que a heroína se chama “*the white lady*”. Com a heroína não se quer uma mulher. A escolha de Dafoe foi a droga. Ele não encontrou em vida a sua sobriedade, por mais que aldrabasse isso nas suas conversas. Até ao fim, enganou-se. É o que fazem os drogados. Mesmo nos últimos momentos de vida, ele quer o “chuto” e não a mulher.

**Haverá muitas coisas autobiográficas nos seus filmes...**  
... é bom que haja.



## As pessoas estão sozinhas em casa a ver as coisas em computador, o que é terrível, o isolamento do indivíduo. É o pesadelo de Pasolini: nascemos consumidores e isolados dos outros

... alguns escapam-nos, obviamente. Mas em *Tommaso* deliberadamente joga com o espectador, dando-lhe informação para que ele pense que a personagem de Willem Dafoe é você. Até porque tem como outros actores a sua mulher [Cristina Chiriac] e a sua filha [Anna Ferrara]. Porque fez agora um filme que parece resultar de uma partilha de fantasias com o seu actor?

Se viu *Pasolini* [2014], se viu *Welcome to New York* [2012], e documentários como *Piazza Vittorio* [2017], *Alive in France* [2016], *Tommaso* é uma extensão natural disso. A minha mulher é, antes de ser minha mulher, uma actriz. E é a mãe da minha filha. Qualquer pessoa sobre quem se aponte uma câmara torna-se um actor, quer esteja consciente disso ou não. Willem vive na esquina, é o padrinho da minha filha. Ele anda naquela escola italiana que se vê no filme. São os amigos dele. Ele vive perto. Não somos expatriados. Somos americanos que por acaso vivem em Roma. Ele é do Wisconsin, para lá do Midwest. E transportou-se para o Lower East Side. E agora transportou-se para Roma. Viaja mais do que eu. Eu estou mais no dia-a-dia de Roma. Fizemos cinco filmes juntos, ele é o actor no grupo que temos. É como uma *troupe*. Há um realizador, alguém é o director de fotografia, temos um montador. Algumas coisas mudam, mas o que não mudou é o facto de eu ser, nesse grupo, o realizador e ele ser o actor. E está nos filmes desde a sua concepção. Com ele, não se trata de mero *casting*. Não é: "Criei esta personagem, quem a poderá interpretar?" Foi assim neste filme, em *Pasolini*, em *Go Go Tales*...

**Esta Roma em que vive é também, para si, a Roma do cinema italiano?**

Certamente. Desde a minha educação. Embora a família dos meus pais tivessem vindo do Sul rural de Itália, eram agricultores, que cultivavam tomates no meio do nada. Quando estava na universidade e comecei a fazer filmes, aos 16 anos, 1966, 1967, era uma idade de ouro, via os filmes destes tipos todos, Pasolini, Rossellini, Bertolucci, Fellini, Pontecorvo, Antonioni... e há mais...

De Sica. Foi de facto uma cidade que criou os filmes, tivessem sido filmados lá ou não.

**O MoMa de Nova Iorque fez-lhe uma retrospectiva no início do ano. Mostraram a sua Nova Iorque. O que vê quando vê agora esses filmes?**

Eu não os vejo habitualmente. Mas quando os vejo... o que posso dizer? Gosto e não gosto. Vejo-os como qualquer espectador: com sentimentos contraditórios. Para mim, são como *home movies* porque sei o que estava a acontecer fora do quadro. É por isso que faço filmes sobre fazer filmes: o que acontece fora do enquadramento é mais interessante. A minha mente viaja. Penso nas pessoas que não estão vivas, penso em Chris Penn [actor em *O Funeral*, 1996], Zoe [Lund, argumentista e intérprete de *Policia sem Lei*, 1992; actriz em *Ms. 45*, 1981]. Não vejo muito esses filmes, não gosto. Às vezes sou forçado, mas não gosto. Gosto de experimentar a reacção das pessoas que os vêem. Para mim, são a parte de uma longa viagem pela vida.

**Ao rever *King of New York* [1990], senti que era um retrato de uma cidade, de um mundo, que começava a acabar. Hoje sabemos que para si também...**

Podemos ver o filme assim. A personagem de Chris Walken é uma figura trágica. Está sempre a pedir mais tempo... Para nós, filmar da maneira que filmámos... tínhamos bastante dinheiro, tínhamos bastante controlo total, filmámos a elegância e a decadência... não poderíamos continuar muito mais naquela direcção. Fomos muito fiéis a uma tradição, a um género, sem o questionar, respeitando-o. Só podia ser o fim de alguma coisa.

**Portanto, a sua vinda para a Europa foi a procura de algo**

**depois do fim, uma reinvenção...** É claro.

**Talvez seja essa a relação entre *Tommaso* e *The Driller Killer*...**

Um *back to roots*: filmei na minha casa, de forma muito simples – porque ao mesmo tempo estava a pôr de pé um outro projecto, *Siberia*, que não sabia se ia conseguir fazer...

**... que já filmou, entretanto...**

... sim..

**Que filme é?**

Fora da caixa.

**Novamente um homem e os seus pesadelos?**

Sim, Willem utiliza as suas experiências, mas, ao mesmo tempo, é uma história de aventuras, um *road movie*, com um lado de Ulisses e de *Alice no País das Maravilhas*.

**E Dafoe de novo. Já estabeleceu relações, antes, com Christopher Walken e Harvey Keitel. O que é que as desencadeia?**

O facto de estarmos juntos e de nos vermos, é sempre isso que desencadeia a minha relação com os actores. Estes filmes que fizemos partem das nossas vidas. Keitel vivia ali quando filmámos *Policia sem Lei* em Manhattan. E estava num ponto muito particular da sua vida que fez intersecção com a minha. O filme é o produto disso. Hoje está noutra cidade, está a viver uma vida diferente.

**As seqüências da crucificação em *Tommaso*, na Stazione Termini de Roma, têm bastante humor...**

... certamente.

**Foi sua ideia ou de Dafoe?**

A ideia da "paixão" estava no filme, quer fosse um filme que a personagem Tommaso quisesse fazer ou pudesse ter feito. Tommaso é um realizador, mas podia ter sido um actor, como Clint Eastwood.

Houve uma altura em que quis mesmo utilizar o excerto do filme de Scorsese [*A Última Tentação de Cristo*, 1988], mas Willem não estava para aí virado e então tratámos de as recriar. Há um pedaço também, para além do coração que Willem tira do peito, como na *Última Tentação*, que é uma recriação de *Margarita e o Mestre*, de Bulgakov. Mas é a ideia da Paixão de Cristo. Pode ser uma fantasia, um filme que Tommaso já fez, um sonho. Como em *Pasolini*, tínhamos os filmes que ele fez, os filmes que ele quis fazer e não fez.

**É verdade que para um dos seus primeiros filmes, *9 Lives of a Wet Pussy* [1976], o seu pai financiou porque queria que o filho fizesse um filme cultural?**

Precisávamos de dinheiro, ninguém nos ia dar. Para um filme anterior tinha sido a minha mãe. Mas eu não queria bater-lhe à porta de novo. O meu pai pôs dinheiro para nos ajudar, mas para fazer dinheiro também. Naquela altura, as pessoas punham 30 mil dólares e faziam 30 milhões. Por exemplo, filmes como *Beyond the Green Door* [Artie Mitchell, Jim Mitchell, 1972], imagina isso? O meu pai era um jogador, um vigarista e estava a ajudar-nos. Naquele momento da nossa vida quem é que ia dar-nos esse dinheiro?

**Havia uma sala de cinema em Lisboa que estreava os seus filmes iniciais e que era uma sala sempre na vizinhança do porno, um espaço em que o público da cinefilia se juntava com o do porno...**

Viu *The Projectionist* [2019]?

**Precisamente por isso lhe contei isso: o seu cinema continua a habitar esse mundo de coabitação que já não existe...**

Sim. Isso já desapareceu. E agora as pessoas estão sozinhas em casa a ver as coisas em computador, o que é terrível, o isolamento do indivíduo. É o pesadelo de Pasolini: nascemos consumidores e isolados das outras pessoas. É o pináculo da sociedade de consumo, é o admirável mundo novo. Tenho uma filha de quatro anos. O que é que lhe vou dizer?

**Acaba *Tommaso* com ela...**

Sim, ela a olhar para um telemóvel...

vasco.camara@publico.pt



DANIEL ROCHA

66

**Tenho mais hipóteses de ser morto por outro ser humano do que morrer numa inundação ou fulminado por um raio. Qual é a coisa mais perigosa para uma mulher, em termos estatísticos? É um homem**





Edição Lisboa • Ano XXX • n.º 10.802 • 1,30€ • Terça-feira, 19 de Novembro de 2019 • Director: Manuel Carvalho Adjuntos: Amílcar Correia, Ana Sá Lopes, David Pontes, Tiago Luz Pedro Directora de Arte: Sónia Matos



Público

# Hong Kong Polícia cerca estudantes e exige rendição total

Destaque, 2 a 4 e Editorial

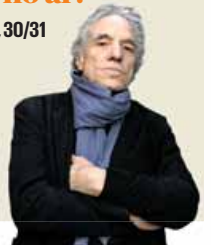
PAZEM (SAMUEL LEA)

# MP quer passar a ouvir todas as crianças expostas a violência doméstica

Procuradora-geral da República emite novas orientações para lidar com crime que já matou 30 mulheres este ano em Portugal. Todos os menores, sejam ou não vítimas directas, passarão a ser ouvidos para memória futura **Sociedade, 14**

Entrevista  
a Abel Ferrara  
“O mundo pode  
explodir a  
qualquer altura.  
Não é algo que  
está no ar?”

Cultura, 30/31



## Antigo director do Sporting terá sido avisado de ataque por SMS

Bruno de Carvalho diz que está “depauperado” e pede dispensa do julgamento **p44**



## Suspeito do roubo das Glock tenta implicar cúpula da PSP

Principal arguido é polícia e nas horas vagas exerceria segurança privada ilegal **p16**

## Telemóveis duram mais e só são trocados a cada 28 meses

Consumidores resistem às novidades e estão a trocar menos de aparelho **p28/29**

HOJE Médicos  
Escritores  
10.º volume  
Vindima

Por +  
6.90€

